

John Dekowes

O Enigma da Serpente



Leia também deste autor: "Esther e Arthur" e "Contos do Navegador"

O ENIGMA DA SERPENTE

John Dekowes

O ENIGMA DA SERPENTE

Primeira Edição

Petrópolis, RJ



2011

Copyright ©2009 by John Dekowes

Título: O Enigma da Serpente

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida, em qualquer meio ou forma, seja digital, fotocópia, gravação, etc., nem apropriada ou estocada em banco de dados, sem a prévia autorização do autor.

Revisão:

Do autor

Capa e projeto gráfico:

ABLONGO

Comunicação Visual

Ilustrações do Autor

email

johndekowes@yahoo.com

ISBN 978-85-64280-17-5

Para Tatiana e Pablo
filhos queridos,
auxiliares de navegação.

AGRADECIMENTOS

Tenho muito a agradecer a paciência que os meus amigos e sempre colaboradores tiveram enquanto eu desenvolvia este trabalho, a começar pelo Edson Mayorga e suas explicações detalhadas relacionadas a diversos assuntos sobre os quais tive dúvidas; a colaboração dos membros do Forum Tupi - Grupo para a discussão e prática do tupi, em especial Emerson José Silveira da Costa e Jefferson Schittini Garcia que me auxiliaram na tradução dos textos para o Tupi Antigo e, pelos quais pude apreciar a dedicação e o carinho devotedo ao idioma indígena. A querida amiga Juscena S. Costa que cedeu parte do seu precioso tempo, ajudando-me nas primeiras leituras e acertos textuais. Agradeço tambem ao amável comentário de Monique Bertoldi (*Idealizadora e Coordenadora do site Acorda Petrópolis*), feito após a leitura dos originais.

O meu agradecimento também vai para todos aqueles que, de uma forma ou de outra, ajudaram nas pesquisas e suas presenças foram marcantes para mim, em algum momento, enquanto escrevia essa obra.

O autor

| Parte 1 |

*“Mesmo se você está em uma minoridade de um,
a verdade ainda é a verdade”*

Ghandi

CAPÍTULO 1

Europa. Londres. Época atual. O professor Archibald Smith, brilhante físico nuclear, vestiu-se elegantemente. Pôs a sua melhor roupa para aquele evento tão importante; diria que se preparava para o seu único, como também o último em sua vida. Olhou para o relógio-torre preso à parede e viu que eram quase vinte horas. Pegou um molho de chaves em cima da mesinha de cabeceira e colocou no bolso do sobretudo cinza-escuro. Dirigiu-se à porta de saída, mas estancou, repentinamente, de olhos fechados, depois se voltou e retornou pensativo até o escritório onde sentou-se pesadamente na poltrona de couro amarronzado e macio; sua mente estava vazia, como se fora sugada de todo o seu conhecimento naqueles últimos momentos. Esfregou o rosto com as duas mãos, ergueu-se como um boneco de mola e caminhou decidido para a porta e pelo caminho foi pegando o chapéu de abas e o cachecol preto de listras cinza. Colocou-os por precaução. O rádio havia anunciado durante o dia que a temperatura ia cair muito àquela noite. E realmente o ar gélido e cortante junto a uma chuva fria dominava toda a paisagem exterior.

O seu carro, um velho sedan, cor preta, ano 1964, de fabricação belga, encontrava-se estacionado bem em frente do portão. Entrou apressadamente dentro do veículo, acomodou-se, mas antes de enfiar a chave na ignição, ajeitou disfarçadamente o espelho interno e notou, bem afastado, um carro suspeito, semioculto na luz, deixando exposta apenas a parte dianteira. Suas pupilas se dilataram denunciando um desespero íntimo diante àquela visão.

“— *São eles!*” — pensou, enquanto seu braço esquerdo se alongava automaticamente para o banco traseiro até tocar em algo áspero e volumoso. Emitiu um ruído seco na garganta que saiu por entre os lábios mais parecendo um sorriso de sa-

tisfação e seus olhos brilharam estranhamente.

“— *Não darei a eles o prazer de escutar da minha boca o que pretendem... Não revelarei nada, nem farei nada para prejudicar o plano divino... ”*

Àquela hora as ruas estavam vazias e silenciosas. A densa neblina que encontrava pela frente ocultava o veículo deixando apenas se escutar o barulho do motor acelerado. O professor Archibald Smith parecia não se importar com a própria vida. O carro avançou pelos cruzamentos numa velocidade constante até sair dos limites da cidade. Depois, seus olhos fixos na estrada só desviaram numa fração de segundos para identificar a placa retangular galvanizada pintada de azul com letras brancas, onde se lia: BRISTOL — 100 KM.

A partir daí, uma força hipnótica tomou conta dos seus pensamentos e sua atenção somente era desperta para as inúmeras placas indicativas na estrada, que iam reduzindo a distância para se chegar à cidade de Bristol: 70, 60, 50, 40, 30, 20, 10, 1 km...

O carro parou próximo a um bosque e os faróis foram desligados, mas o ronco do motor, deixado em ponto morto, mais parecia o som de um animal demoníaco perpetrando algo macabro. O professor Archibald Smith apoiou a cabeça no volante e ficou assim por um bocado de tempo... Cada vez que pensava no que fizera, era invadido por uma emoção descontrolada que sufocava na garganta e apertava cada vez mais o peito. Seus pensamentos perturbados não conseguiam atinar com clareza nenhuma outra solução que não fosse aquela a qual propusera o seu destino.

“— Não podia falar! Não podia revelar o que descobri-
ra. Não era forte o suficiente para manter o segredo...”

E, como se despertassem de um transe profundo, sua mão direita procurou o fecho da porta que se abriu. Então, saiu, olhou para os lados como se procurasse algo e viu apenas a escuridão bruxuleante ao redor. Arqueando o corpo para dentro do veículo, alcançou o volume que se encontrava no banco

de trás, juntamente com uma lanterna que funcionou após ele dar duas batidas fortes com o corpo dela contra o estofamento. Aprumou-se do lado de fora e com a ajuda da luz da lanterna, percorreu com os olhos ao redor. Um brilho de satisfação surgiu em suas faces e um ligeiro sorriso se abriu nos lábios. Pegou o rolo de corda e se dirigiu para a traseira do mesmo, cauteloso foi caminhando até parar diante de uma árvore frondosa e de tronco grosso a poucos metros. Serviria aos seus propósitos.

Pegou a ponta da corda e amarrou cuidadosamente ao redor da árvore. Observou a distância entre o seu carro e o tronco, depois analisou o volume de cordas aos seus pés, em seguida, fez um laço cuidadoso e testou se estava bem amarrada. Depois voltou em direção ao carro levando a outra ponta da corda. Tinha os passos lerdos e pesados. Desligou a lanterna, depositou-a no seu lugar anterior, ajeitou a sua roupa. Então pacientemente pegou a corda e fez um laço digno de um carrasco; entrou, fechou a porta, colocou a corda no próprio pescoço e arrancou em alta velocidade.

O pequeno rolo de corda foi se desenrolando rapidamente até se tornar tesa... E escutou-se um gemido seguido de um barulho seco, depois a buzina tocou sem parar por um rápido período e parou... O motor do veículo foi morrendo... E o silêncio voltou a reinar como antes...

CAPÍTULO 2

Brasil. Rio de Janeiro. Época atual. As antenas do radiotelescópio da empresa Orbe detectaram um sinal de rádio o qual indicava que poderia ser o primeiro indício significativo de contacto extraterrestre e o mesmo sinal havia sido percebido em duas outras ocasiões diferentes. A Orbe Brasil era uma

Gostou da leitura?

**Então continue lendo
esta emocionante história.**

O livro

"O Enigma da Serpente"
de John Dekowes

encontra-se à venda no site da editora Perse:

Clique no link abaixo e peça já o seu!

<http://perse.doneit.com.br/paginas/DetalhesLivro.aspx?ItemID=790>

Ou compre diretamente na



Rua do Imperador, 675, lj 8 - Ed. Arabella - Centro
Petrópolis - RJ - Tel: (24) 2231-1731

Informações Técnicas:

Título: O Enigma da Serpente

Autor: John Dekowes | Quant. 472 páginas

ISBN 978-85-64280-17-5

Conheça outras obras do autor. Acesse:

<http://orbesimaginaryun.webnode.com>